

ESCREVER SOBRE O AVÔ

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i26p125-126>

Beatriz Chnaiderman¹

Neta de Boris Schnaiderman

Escrever sobre o avô. Sobre a mesa do avô, a de pedra e couro, redonda, aquela que vocês todos conhecem, a do chá, a da máquina, dos papéis, cadernos. Minha casa. Mesmo uso, computador, chá, vinho, intimidades e conspirações. Minha já não tão humilde biblioteca, os livros dedicados. Os quadros, tia Berta, a irmã do avô de quem não se ouve falar, observa quando vocês saem do lavabo. Em seu antigo apartamento estava assim: a mesa, o retrato de tia Berta, os livros, bem assim, eu me lembro que era assim. O chá em infusão, a geleia, o piano fechado. Posso levar um livro? Jerusa: Bia, você pode me ajudar a fechar a minha mala? O avô: você come pouco, você não comeu nada. Sobre o judaísmo: naquele tempo, os deuses eram as vitaminas e as proteínas. Só eu vou pedir um chope?

Os fins de tarde, já era eu quem preparava o chá, xeretava a biblioteca. *Está uma confusão a biblioteca, uma confusão, eu não tive tempo de arrumar desde a mudança.* E o silêncio, vocês conhecem esse silêncio. O anoitecer, silêncio, livros, chá. Estará de saco cheio? Então, eu falava de algum livro, autor, movimento. *Você gosta, é? É formidável, formidável.* Diante de alguma pergunta: *É o seguinte (...).* Silêncio. *Você está de bicicleta, é? Eu tive uma bicicleta em São Paulo.* E vinha a história: seu pai lhe arranjava uma bicicleta muito diferente, ruim de pedalar e reclamava, *não sei onde ele arranjou aquela bicicleta.* Vou embora. Venha sempre, é bom papear um pouco.

A memória endurece. Já não sei transmitir o meu desespero nos seus últimos dias, nem sei por onde comecei a girar em falso por mais de um ano em torno dessa morte. Frases, cenas, movimentos de pescoço, luzes e sombras, os olhos azuis, azuis, azuis. Isso encontro. A prosódia, eu

¹ Filha de Carlos Chnaiderman, a escritora Beatriz é neta de Regina e de Boris Schnaiderman. Atualmente, cursa graduação em psicologia no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. É membro do Grupo de Tradução e Pesquisa/CNPQ "Filosofia Árabe e História do pensamento", dentro do qual desenvolveu uma pesquisa acerca do Livro da Alma, de Avicena. Hoje em dia, pesquisa acerca da Imaginação e suas vicissitudes na compreensão dos fenômenos humanos, sob a supervisão de Gilberto Safra. Atua na Clínica Escola, onde atende pacientes e participa do Núcleo de Educação Terapêutica com crianças.

encontro, seu sotaque odessita, o tom um pouco agudo, algo infantil no riso.

O infantil do avô era algo muito notável. Quando nasceu minha sobrinha, eu vi a foto e disse: olha aí o avô e ela agora é uma criança e eu ainda digo: olha aí o avô. Não sei de que jeito. Ele se lembrava, tinha na memória os dois anos de idade, a União Soviética, a grande fome, a avó, a governanta, a escadaria de Odessa e dizia: eu vi coisas que uma criança não devia ver. E aqueles olhos azuis azuis azuis, eu olhava para eles e eram eles que tinham visto tudo aquilo, eram exatamente eles, intactos. Como alguém consegue manter os olhos assim intactos por quase cem anos?, pensava.

E lia, lia tudo. E tomava suas notas que só ele entendia. E a quantidade de livros que já não tinha onde enfiar, a biblioteca por arrumar e sabia muito bem aqueles que estavam comigo. Fiquei com um: Albert Camus, *Le premier homme*. Talvez já esteja na hora de acaba-lo. *O processo*, fui devolvê-lo em um fim de tarde com os olhos arregalados e depois do chá, tudo estava feito e eu levava outro livro nas mãos. Eu lia, lia tudo. E papeávamos sobre os livros, apenas papeávamos, algumas impressões, nada além. O reconhecimento veio de supetão: essa é Beatriz, minha neta, grande leitora. Constrangida com o título, encolhida diante do visitante: bom, eu leio bastante. E é uma grande leitora!, exclamou o avô.

Aí está, a memória cede, se desenrola diante do infantil e do reconhecimento. Coisa proustiana mesmo, o afeto. Nesta manhã de domingo, sobre a mesa de pedra e couro, a mesa redonda que vocês conhecem, poderia escrever sete volumes de memórias do avô, no mínimo, poderia reescrever este texto que comecei ontem, com a memória endurecida, as impressões vagas. Mas não, a dureza e o entusiasmo, talvez seja por aí que me lembre do avô, talvez seja isso.

O avô, sempre aterrissado, já no hospital, diante da conjuntura de patos amarelos em todos os jornais, diante da iminência do golpe, não teve vertigem, disse: tirar a presidente, eu acho isso um precedente muito perigoso... Os olhos azuis, azuis, azuis, a Grande Fome, a Segunda Guerra, a ditadura de 64. Eu acho isso um precedente muito perigoso. Apenas uma opinião, vejam. Não é profético. No leito do hospital, aquele encolhido fruto de um século de barbárie, um monumento à resistência, um monumento encolhido, simples, russo, infantil...

Que lembrança, que saudade.